

Intervenção urbana na Mouraria: o que faz falta

Madalena Matos, Margarida Perestrelo, António Velez

Resumo: Os elementos de mudança mais reconhecidos pela população da Mouraria encontram forte relação com a intervenção no espaço material do bairro, em particular os efeitos decorrentes do melhoramento de parte do edificado, ruas e largos. Uma parte significativa da população reconhece a necessidade de ultrapassar problemas ainda existentes, em particular as condições de habitabilidade, as questões de salubridade como o ruído ou higiene urbana e ainda questões associadas ao sentimento de insegurança.

Palavras chave:

Mouraria. Revitalização urbana. Inquérito à população. Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria.

Introdução

O inquérito (slide 1) de que se apresentam aqui os principais resultados foi aplicado à população da Mouraria no âmbito da avaliação externa do Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (a seguir PDCM) ⁱ.

Este programa, preparado a partir de 2010 e implementado nos anos 2012 e 2013, apresenta-se como um programa de revitalização urbana (Guerra e outros, 2006), dadas a multidimensionalidade dos seus objectivos e linhas de acção, por um lado, e a articulação que permitiria entre a “lógica de lugar” e a “lógica sistémica”, por outro. Em particular, ao contrário de outras intervenções já havidas na cidade de Lisboa e também na Mouraria, o PDCM assume-se como forma inovadora de intervenção urbana fazendo dela participar a população e as organizações do território.

A participação da população e das organizações do território é uma condição do sucesso da intervenção na medida em que este sucesso assenta, simultaneamente, na aprendizagem que o programa proporciona aos diferentes interventores e nas mudanças que são induzidas no território e traduzidas em práticas inovadoras que possam subsistir para além do período de vigência do programa.

Um primeiro nível de participação da população é o da percepção dos problemas que afectam o território e o do reconhecimento, ou não, da bondade da intervenção no sentido da resolução desses problemas.

Assim, o primeiro objectivo do questionário aplicado era o de captar a percepção que os habitantes da Mouraria tinham sobre as mudanças ocorridas no bairro desde o início da intervenção, nas suas componentes material – obras no espaço público - e imaterial – intervenção para resolução de problemas socio-urbanos previamente identificados pelos promotores do PDCM.

Para além da percepção da mudança – houve ou não mudanças e quais – pretendia-se ainda conhecer a avaliação que os habitantes fazem dessas mudanças – positivas ou

negativas – assim como as suas perspectivas face a intervenções futuras para solucionar problemas não resolvidos.

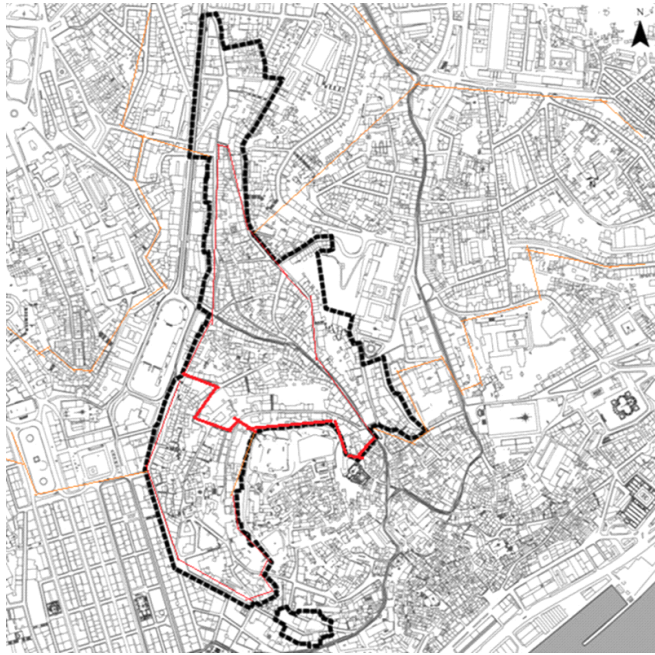
Como noutros trabalhos deste cariz, uma primeira questão que é necessário considerar é a da definição de uma população e de um bairro – os habitantes da Mouraria – como um todo homogéneo, um espaço com fronteiras claras que o distinguem de um contexto mais alargado, uma entidade relativamente fechada, coesa e perene.

Sabe-se que a definição do bairro releva tanto de características objectivas da população e de formas de vida eventualmente distintivas como, e talvez sobretudo, dos discursos sobre o bairro que recorrentemente consolidam uma imagem necessariamente parcelar na medida em que acentua determinadas características em detrimento de outras.

Sem entrar neste debate ⁱⁱ, realça-se aqui a necessidade de relativizar os objectivos e os resultados de um inquérito como este: mais do que identificar a “opinião” da população da Mouraria como um todo – exercício estatisticamente possível mas sempre relativamente abstracto – tenta-se, como noutros casos, identificar diferentes percepções associadas a diferentes grupos populacionais isto é, a diferentes formas de habitar, de trabalhar, de viver num espaço identificado como o “bairro da Mouraria”.

Realce-se ainda que esta questão se coloca, desde logo, na definição do bairro da Mouraria. Os próprios habitantes do bairro assim identificado darão distintas informações sobre o que é a Mouraria, a começar pelas fronteiras do bairro com traçados distintos consoante a pessoa que fala, até à própria convicção de se pertencer ou não à Mouraria independentemente do lugar de onde se fala. Sem iludir este problema, assumimos, no caso deste inquérito e para identificar a população a inquirir, uma “Mouraria” definida “oficialmente” no Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria e ajustada por critérios administrativos que presidem à produção oficial de estatísticas. Assim, foram considerados para construção da amostra os residentes das anteriores freguesias de São Cristóvão e São Lourenço e freguesia do Socorro. (Figura 1)

Figura 1: mapa da Mouraria segundo o PUNHM (Em: Aviso n.º 5612/2012, Diário da República, 2.ª série — N.º 77 — 18 de Abril de 2012). Ao mapa inicial sobrepõem-se a vermelho as fronteiras das freguesias do Socorro, a norte, e de São Cristóvão e São Lourenço, a sul



Assinale-se ainda o facto dos resultados do inquérito serem representativos apenas da população nacional: numa população que segundo o censo de 2011 é constituída por 25% de pessoas de nacionalidade estrangeira, obtivemos uma amostra onde a população estrangeira apenas representa 8%. Assim, as respostas do grupo da população estrangeira não podem ser consideradas representativas deste grupo, onde responderam exclusivamente as pessoas de sexo masculino, que falavam português e com uma média de escolaridade elevada (75% têm o 12º ano ou mais). Esta situação é recorrente neste tipo de inquéritos. A recolha de informação fiável e representativa junto da população estrangeira exigiria modalidades de aproximação e inquirição que esperamos poder conseguir em trabalhos futuros.ⁱⁱⁱ

Neste texto apresenta-se a caracterização dos grupos populacionais residentes na Mouraria (1), as opiniões sobre as mudanças havidas e desejadas associadas a cada um destes grupos (2) e, finalmente, uma breve interpretação da opinião da população da Mouraria sobre o seu bairro (3).

- A população da Mouraria

Os resultados do inquérito coincidem com os dados estatísticos oficiais e permitem detalhar algumas características sociodemográficas.

Trata-se de uma população envelhecida que apresenta graus de escolaridade relativamente baixos, segundo um modelo conhecido: os mais novos são mais escolarizados do que os mais velhos; na população mais jovem (menos de 49 anos) não há diferenças significativas de níveis de escolaridade entre homens e mulheres e mais de 50% tem pelo menos o 12º ano. Ao contrário, na população com mais de 49 anos, 15% não tem qualquer grau escolar e 71% tem no máximo o 3º ciclo do ensino básico. (slide 2)

Quanto à situação face ao trabalho a amostra divide-se praticamente ao meio entre reformados e pensionistas (45%) e outras situações (28% de pessoas a trabalhar, 21% de desempregados, 2% de domésticas, 2% de estudantes e 2% noutras situações) não havendo diferenças significativas entre homens e mulheres.

Entre os indivíduos em idade activa a maior percentagem de desempregados (39%) está no grupo entre os 30 e os 49 anos. É também este o único grupo onde a maioria da população está a trabalhar (56%). Entre os outros dois grupos, menos de 29 anos e 50 a 64 anos, a percentagem dos que trabalham é respectivamente de 39% e 37 %. No grupo dos mais novos há 21% de estudantes e no grupo dos 50 aos 64 anos há 29% de reformados/pensionistas. (slide 3)

Quando confrontados os dados da escolaridade e situação face ao trabalho observa-se que as pessoas sem qualquer grau escolar e as que concluíram o 1º ciclo do ensino básico são na grande maioria reformados/pensionistas. Já entre os que têm o 2º e o 3º ciclo do ensino básico, o maior número encontra-se desempregado. Enfim, um pouco mais de metade das pessoas com o “12º ano de escolaridade ou mais” está a trabalhar, havendo ainda neste grupo uma percentagem importante de desempregados. (slide 4)

Quanto às origens das pessoas e considerada só a população nacional observa-se que aproximadamente 30% nasceu e vive na Mouraria, 30% vem de outras freguesias do concelho de Lisboa e os restantes 40% vêm de outros concelhos do país com destaque para os da região Centro (20%). (slide 5)

Os migrantes internos mais antigos são os dos concelhos das regiões Centro e Norte que, em média, estão na Mouraria há mais de 40 anos. Os migrantes de outras

freguesias de Lisboa chegam à Mouraria, em média, nos anos 80 e, na década seguinte, chegam os imigrantes de outros concelhos da Grande Lisboa e da Península de Setúbal. Os imigrantes mais recentes vêm de países estrangeiros, a partir do fim da década de 90, sendo os da Ásia os mais recentes (slide 6).

As razões que levaram à instalação na Mouraria prendem-se, principalmente, com a família e a habitação no caso dos que vêm de outras freguesias do concelho de Lisboa e de outros concelhos da Grande Lisboa e Península de Setúbal, com trabalho e família no caso dos imigrantes de outras regiões do país.

Com base nestes dados procedeu-se a uma análise estatística que permitiu identificar grupos da população relativamente coerentes do ponto de vista das variáveis sociodemográficas consideradas (slide 7). Aos quatro grupos identificados foi atribuída uma designação que se baseia nas características específicas do grupo; esta designação não esgota, evidentemente, as características desse grupo populacional. (slides 8 e 9)

Dois grupos de “naturais da Mouraria” (grupos 1 – jovens maioritariamente desempregados e grupo 4 – pessoas em fim de idade activa): o primeiro formado pelos mais jovens, com escolaridade média (68% têm o 2º ou 3º ciclo do ensino básico) e maioritariamente desempregados (62%). O segundo, formado maioritariamente por pessoas em fim de idade activa (57% têm entre 50 e 64 anos) mas com uma larga maioria de reformados (73%), e pouco escolarizados (64% tem no máximo o 1º ciclo do ensino básico). Estes dois grupos representam, respectivamente, 14% e 15% da amostra.

Dois grupos de “migrantes” (grupos 2 – empregados mais escolarizados e 3 – idosos, migrantes internos de há mais de 40 anos): no primeiro, a maioria tem entre 30 e 49 anos, está a trabalhar e tem qualificações superiores ao 3º ciclo do ensino básico. São os migrantes mais recentes de Lisboa, Grande Lisboa e da Península de Setúbal. Ainda neste grupo, que representa 27% da amostra, integram-se os imigrantes estrangeiros inquiridos. O segundo grupo tem características próximas do grupo 4 (naturais da Mouraria com mais de 50 anos) mas é mais idoso (70% tem mais de 65 anos) e menos escolarizado (85% tem no máximo o 1º ciclo do ensino básico). São os migrantes mais antigos do concelho de Lisboa e dos concelhos do Centro e Norte do país, constituindo o maior grupo desta amostra, 45%.

- Percepção e opiniões das mudanças ocorridas na Mouraria

Antes da apresentação destes resultados realça-se o facto de as perguntas do questionário sobre as mudanças serem abertas e das respostas serem espontâneas. A codificação que aqui se apresenta – itens a seguir referidos – foi feita *a posteriori* com base na interpretação das respostas dadas.

Às perguntas abertas sobre o que mudou para melhor, para pior, e o que falta fazer na Mouraria responderam respectivamente 177 (71%), 188 (76%) e 226 (91%) indivíduos, o que indicia interesse dos moradores em manifestar a sua opinião sobre o bairro que habitam.

A esmagadora maioria dos inquiridos (92%) considera ter havido mudanças na Mouraria desde que aí reside. Esta percepção unânime, sendo mais elevada (98%) entre os que nasceram e vivem na Mouraria é partilhada também pelos migrantes internos ou estrangeiros.

A distribuição percentual das respostas às perguntas sobre o que mudou para melhor, o que mudou para pior e o que faz ainda falta estão apresentadas nas figuras 2, 3 e 4.

Figura 2: O que mudou para melhor

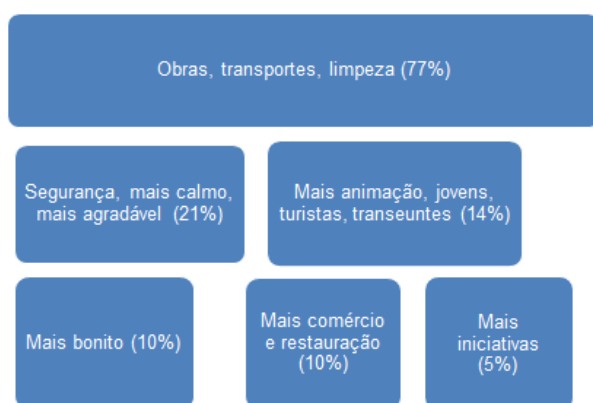


Figura 3: O que mudou para pior (ou não mudou)

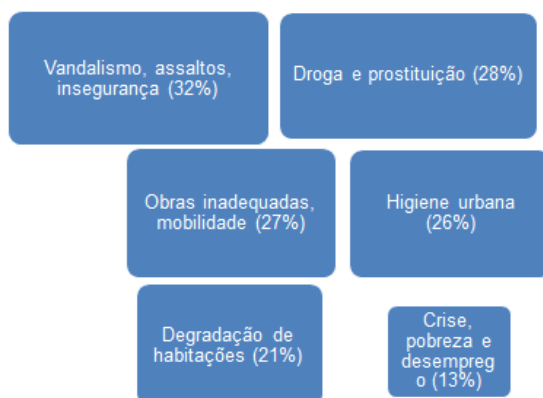
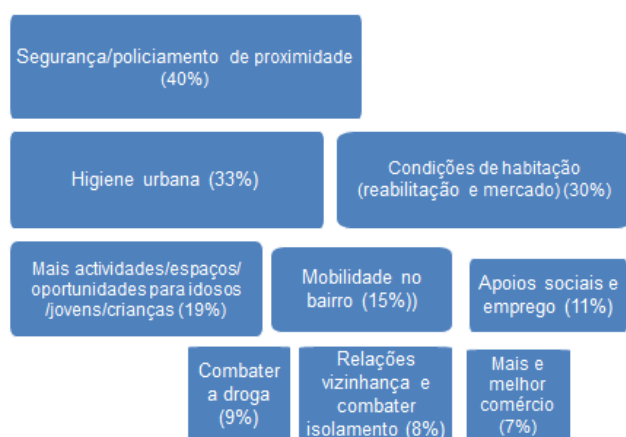


Figura 4: O que faz falta



Com base nestes resultados procedeu-se a uma análise estatística que permitiu identificar as principais dimensões que organizam as apreciações *positivas*, *negativas*, e *do que falta fazer na Mouraria*.

Apresentam-se a seguir os resultados desta análise para cada uma das apreciações consideradas

2.1 O que mudou para melhor

A análise aplicada às respostas obtidas com a pergunta “o que mudou para melhor” permitiu identificar três dimensões principais das mudanças percebidas:

- “Transformações no espaço público”: resume todas as observações associadas à dimensão “material” do espaço público – “*as obras*”.
- Transformações na densidade e formas de ocupação do espaço público: resume todas as observações associadas à dimensão da “sociabilidade no espaço público” : “*A vida já não é a mesma, há mais pessoas aqui na rua*”, “*mais vida no bairro*”, “*pessoas mais satisfeitas*”)
- Apreciação estética e segurança: resume todas as observações associadas à apreciação subjectiva das qualidades do espaço público: opõem-se nesta dimensão os que valorizam um espaço mais bonito e os que valorizam um espaço mais seguro: “*O bairro está mais bonito*”, “*mais arranjado*”, ou “*menos confusões*”, “*menos vadiagem*”, “*mais calmo*”, “*mais seguro*”. Uma e outra apreciação aparecem ainda associadas ao facto de haver mais turismo, mais comércio, mais restaurantes.

Quando analisados os resultados sobre como cada um dos grupos sociodemográficos refere cada uma destas dimensões das *mudanças para melhor* observamos que as transformações no espaço público e a apreciação das novas qualidades estéticas e relativas à segurança se encontram em qualquer dos grupos considerados isto é, são genericamente reconhecidas pelos moradores independentemente da idade, situação na profissão etc.

Já na dimensão “sociabilidade” no espaço público, se opõem os grupos da população mais jovem (menos de 50 anos) aos da população mais idosa e, em particular, os “Jovens desempregados” aos “idosos, imigrantes de há mais de 40 anos”. Para os primeiros, a maior “animação” da Mouraria, o facto de haver mais pessoas na rua, é sentido como uma melhoria a assinalar. Já os mais velhos parecem não ser sensíveis a este facto ou, pelo menos, não o considerarem uma melhoria assinalável.

- O que mudou para pior

Nas “mudanças para pior” podemos identificar cinco dimensões principais:

- Perda de formas tradicionais de sociabilidade. Esta primeira dimensão é, como veremos, o outro lado da moeda identificado na dimensão 2 do que mudou para melhor. Reúne as apreciações do que se considera ser negativo nas novas formas de ocupação do espaço público: *“já não há moradores/vizinhos antigos”, “menos bairrismo”, “menos convívio”, “menos união entre moradores”, “menos comércio tradicional”, “comércio fechado”*.
- Comportamentos desviantes e violência. Esta segunda dimensão agrega as observações sobre a existência, no bairro, de situações e comportamentos violentos também associados ao consumo de droga e prostituição. É sobretudo a propósito destas situações que os inquiridos afirmam não serem novas: não se trata de alterações para pior mas de “aspectos negativos” que não foram corrigidos. *“Há ainda muita droga”, “assaltos”, “roubos”, “mau ambiente por causa da droga, prostituição”*.
- Falta de bem-estar de parte da população. A falta de bem-estar é associada, por uns, à falta de condições das habitações e ao facto das obras não terem resolvido estes problemas, antes terem trazido novos problemas nomeadamente de mobilidade e, por outros, à crise, à pobreza, à falta de empregos, problemas que não são exclusivos do bairro, segundo a opinião dos próprios inquiridos. *“Pessoas sem condições de habitação; preços altos por causa do turismo”, “Obras mal feitas”, “Habitações degradadas”, “Para pior...está tudo na mesma...o pessoal anda aí sem fazer nada, não há trabalho”, “Pior é a crise, mas isso é em todo o lado”, “As pessoas vivem mal, não têm dinheiro”, “Há pessoas a passar fome, deviam ver isso”*
- Problemas ambientais: salubridade e ruído *“Aqui em baixo está sempre muito lixo e garrafas e ninguém limpa, demora dias”, “Ainda se vê a rua muito suja”, “falta contentores”, “menos limpeza”, “mais barulho à noite”, “barulho dos bares”*.
- Inexistência de alternativas à perda de sociabilidades tradicionais: não há ou continua a não haver actividades, oportunidades, lugares de encontro para jovens, crianças e idosos. *“Isolamento/solidão dos idosos”, “pouca coisa/falta de locais para jovens”, “falta de creches”*.

Os resultados mostram que apenas as dimensões B e D são transversais à população: as questões relativas aos “comportamentos desviantes e violência” e aos “problemas ambientais” são referidas em todos os grupos considerados.

A perda de sociabilidades tradicionais (A), como seria de esperar, opõe os grupos mais jovens aos mais velhos, sendo estes últimos os que a consideram uma mudança para pior na Mouraria. Aqui, a oposição mais clara é entre os “empregados mais escolarizados”, por um lado, e os “naturais da Mouraria, em fim de idade activa”, por outro.

A falta de bem-estar de parte da população (C) é considerada como uma evolução negativa merecedora de ser assinalada em particular pelos grupos dos “Jovens desempregados” e dos “Idosos, imigrantes de há mais de 40 anos “. Enquanto os primeiros assinalam a crise, o desemprego e a pobreza como razões dessa falta de bem-estar, os segundos referem as questões das condições de habitação e da ineficácia “das obras” na solução deste problema.

A inexistência de alternativas à perda de sociabilidades tradicionais (E) é assinalada em particular pelos naturais da Mouraria, mais jovens e em fim de idade activa, e aparece como irrelevante ou praticamente não referida pelo grupo dos “empregados mais escolarizados”.

2.3 O que faz falta

Identificam-se cinco campos de intervenção ainda necessária, segundo as pessoas que responderam ao inquérito:

- Ambiente: melhor limpeza de ruas mas também saneamento do “mau ambiente” criado por actividades associadas à droga. *“Falta limpeza”, “Melhorar a recolha de lixo”, “ruas mais limpas, acabar droga” “combater a droga”*.

- Segurança e policiamento versus trabalho e emprego: *“Devia haver mais polícias”, “Mais segurança” “Mais empregos no bairro”, “mais oportunidades”*.
- Efectivação da intervenção no espaço físico e melhores condições de habitação: *“acabar obras”, “tirar andaimes”, “obras no resto do bairro”, “obras em habitações”, “recuperar prédios”, “casas mais baratas para alugar”*
- Mais bairrismo na expressão de uns, mais associativismo na expressão de outros: *“mais bairrismo”, “mais associativismo”, “apostar mais nas marchas”, “melhorar relações com vizinhos”, “mais actividades com os moradores”*.
- Mais oportunidades e espaços de sociabilidade: *“mais comércio”* ou *“melhorar comércio”* ou *“mais comércio tradicional”, “mais restaurantes”, “mais bares”*, versus espaços/actividades para jovens idosos e crianças *“mais actividades/iniciativas para jovens”, “locais para fazer desporto”, “mais ajuda para idosos”, “espaços para crianças brincarem”*.

Da análise de resultados observa-se que, neste caso, não há nenhum item estritamente consensual ou transversal a todos os grupos. Pelo contrário, cada um dos grupos considerados assinala uma combinação específica de intervenções ainda necessárias.

Das observações que se seguem não deve deduzir-se que cada grupo reivindica ou apela a um só tipo de intervenção específica. Trata-se de resultados de uma análise estatística que evidencia os itens tipicamente associados a um ou mais grupos em particular, sem que tal signifique que esse item não seja também referido por indivíduos categorizados noutros grupos.

Assim, o grupo 1 dos “Jovens desempregados” considera que o que faz mais falta na Mouraria é trabalho e emprego, melhores condições de habitação e mais e melhor comércio. O grupo de “empregados mais escolarizados” acentua, prioritariamente, as questões aqui associadas a “ambiente”: limpeza do bairro e combate à droga. Os “idosos, imigrantes de há mais de 40 anos” reivindicam mais espaços e actividades para crianças, jovens e idosos. Enfim, o grupo dos “naturais da Mouraria em fim de vida

activa” reivindica segurança e policiamento, mais bairrismo e mais espaços de sociabilidade associados ao comércio, restaurantes e bares.

- Opinião da população da Mouraria sobre o seu bairro

Com base na informação atrás apresentada, (slide 13) pode afirmar-se que existe uma opinião da população da Mouraria sobre o seu bairro: reconhece-se a transformação induzida pela intervenção material no espaço e as melhorias que daí advêm, mas não deixa de se considerar tal intervenção ainda insuficiente e de reivindicar melhores condições de vida.

Para além desta opinião, pudemos identificar diferentes olhares sobre a Mouraria associados a diferentes formas de viver na Mouraria, que sintetizamos aqui.

O grupo que aparece como mais “positivo” no que concerne a intervenção no espaço material do bairro, aqui designado de “jovens desempregados”, constituirá a geração mais recente natural da Mouraria que se identifica com o bairro e ao mesmo tempo se interroga sobre a sua sobrevivência num espaço onde as condições mínimas de bem-estar não lhe estão garantidas: habitação e emprego.

Na geração anterior de naturais da Mouraria, em fim de idade activa, a identificação com o bairro passa pela memória de uma Mouraria tradicional, de boa vizinhança, segurança e solidariedade. É este grupo que melhor traduz o mal-estar provocado pela perda do passado, real ou idealizado. Das transformações induzidas pela intervenção material, salientam-se aqui os efeitos, olhados como negativos, de novas formas de ocupação do espaço público em que não se reconhecem. É neste grupo que simultaneamente se lamenta a perda do “bairrismo” e se faz apelo a mais segurança e policiamento face a comportamentos desviantes que vêm como importados do exterior.

Os dois grupos de imigrantes internos pouco têm em comum para além do facto de não terem nascido na Mouraria.

O grupo dos imigrantes mais antigos está sobretudo marcado pela condição de idoso mais vulnerável à degradação de condições mais imediatas de sobrevivência. É neste

grupo que o entusiasmo pela intervenção material no espaço público é menos acentuado e que é apontada a degradação das condições físicas de habitação, associadas ao isolamento.

O grupo dos imigrantes mais recentes, dos empregados mais escolarizados, corporiza, em parte, o fenómeno da gentrificação. Para este grupo, os principais problemas da Mouraria decorrem da qualidade do espaço que habitam, prejudicada, nesta perspectiva, pela falta de higiene urbana e também pela presença, em particular, das actividades associadas à droga. Mas a preocupação com a identidade do bairro da Mouraria manifesta-se também, por um lado, numa outra versão de “*bairrismo*” que aqui aparece como “*associativismo*” e, por outro, numa reivindicação de “*autenticidade*” do bairro onde, a par da segurança, cabe a recuperação de espaços e edifícios ainda não suficientemente conseguida.

Conclusão

O programa de intervenção urbana como o que teve lugar na Mouraria assumia como objectivo central requalificar o espaço e melhorar as condições de vida da população que o habita. Uma e outra vertente do programa estão evidentemente associadas. O reconhecimento desta relação entre os planos “material” e “imaterial” da intervenção^{iv} é uma primeira inovação em particular se se considerarem outros tipos de intervenção que, ora visam o espaço material iludindo os efeitos de desorganização e degradação das formas de habitar aí existentes – é paradigmático (mas não único) deste tipo de intervenção a havida nos anos 40 e 50 do século passado na “baixa Mouraria” – ora propõem soluções para problemas sociais descontextualizados (a droga, o desemprego, etc.) que apenas têm resultados num tempo relativamente curto – o da vigência do programa – ou resultam na mera “deslocalização” desses problemas, ora, mais radicalmente, requalificam o espaço substituindo populações, formas de habitar e modos de vida, como é o caso de intervenções de “gentrificação organizada”.

A intervenção na Mouraria, com base num programa de “desenvolvimento comunitário”, assenta no princípio da participação das populações através da mobilização e apoio a organizações que tendem a desenvolver a sua acção – social,

económica, cultural, educativa, sanitária – de forma integrada e conhecedora das características do território.

Muitos dos problemas a resolver apontados pela população começaram a ser trabalhados, de forma consistente, por estas organizações (slide 14) o que, já em 2013, uma parte considerável da população reconhecia. Outros problemas, como o da insegurança, da qualidade da habitação ou do desemprego continuam a desafiar, em particular, os poderes públicos. Estes, continuando a basear-se nos princípios que orientaram o PDCM, podem encontrar actualmente na Mouraria condições propícias – um conhecimento aprofundado do bairro, uma população atenta e interessada, e interlocutores organizacionais competentes - para construir formas inovadoras de governança local.

ⁱ A avaliação externa do PDCM foi realizada por uma equipa do Dinâmia'CET-IUL constituída por: Madalena Matos, Alexandra Castro, Pedro Costa, Teresa Amor, António Velez, Margarida Perestrelo (consultora), José Manuel Henriques (consultor).

ⁱⁱ Sobre a definição/identificação do “bairro” e a forma como pode ser “observado” ver o trabalho de Graça Índias Cordeiro (2001)

ⁱⁱⁱ Assume-se portanto desde já que faz falta um trabalho sobre a percepção do bairro da Mouraria pelos que nela residem incluindo as pessoas de nacionalidade estrangeira.

^{iv} Estas expressões constam do primeiro parágrafo do Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria: “Em Set./2010, o Presidente da CML solicitou a realização de um programa de desenvolvimento social para a Mouraria, de modo a que a intervenção urbana de que esta será objecto, até 2013, incida não só sobre a dimensão material (o edificado e o espaço público) mas, também e sobretudo, sobre o seu *património imaterial* – os seus habitantes, comunidades e visitantes” (PDCM,2012)